

Carlos Tello Díaz

“Existiram dois impérios mexicanos, o de Agustín de Iturbide e o de Maximiliano, e ambos os imperadores foram executados”

HISTÓRIA Conversa com Carlos Tello Díaz, historiador mexicano que publicou em Portugal *Maximiliano Imperador: Entre Viena, Lisboa e o México: uma vida extraordinária*, um livro sobre o austríaco cujo fuzilamento foi imortalizado numa pintura de Édouard Manet.

TEXTO LEONÍDIO PAULO FERREIRA

Olhando para a celebridade hoje de Maximiliano, a pintura da sua execução feita por Édouard Manet em 1868, poucos meses depois da morte do imperador, confere-lhe uma dimensão histórica e simbólica maior do que a realidade?

A pintura de Manet mostra a impressão que a execução de um arquiduque da Casa de Áustria causou na Europa. A sua pintura da execução não é uma representação historicamente precisa. Existem diversas versões da execução, e lembro-me de que várias delas foram reunidas numa exposição. Penso que isto demonstra, acima de tudo, a impressão, o impacto causado pela execução de um imperador da linhagem dos Habsburgo no México.

Maximiliano tinha 34 anos quando foi executado em 1867. Poderia ter sido o herdeiro do Império Austríaco, governado

pelo irmão Francisco José. Decidiu aceitar o trono do México porque houve mexicanos realmente que o queriam como imperador? Havia uma parte da população mexicana que desejava uma nova monarquia no México?

Sim, uma facção do Partido Conservador, o partido católico, ofereceu a coroa do México a Maximiliano porque acreditava que, face à crescente influência dos Estados Unidos – que já se tinham apropriado de metade do território –, a única forma de o México sobreviver como nação seria através de uma aliança com uma potência europeia, mediante uma monarquia chefiada por um príncipe católico europeu. Este era o raciocínio do Partido Conservador. No entanto, o próprio Maximiliano recebeu um representante do presidente Benito Juárez, líder do Partido Liberal, que deixou

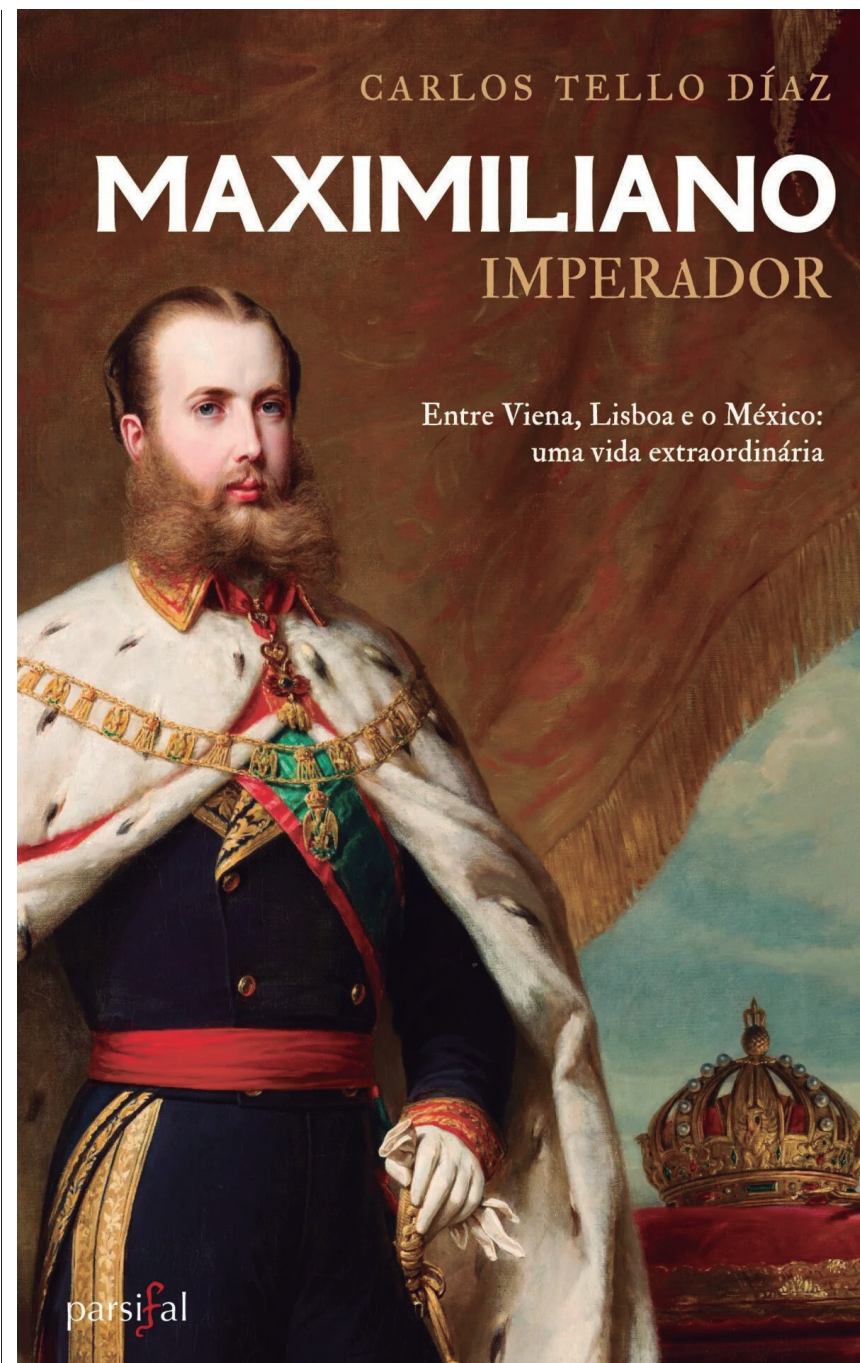
claro que os mexicanos em geral não eram a favor de uma monarquia no México.

Quando se fala de aliança com uma monarquia católica europeia, não se trata da Áustria, mas sim da França de Napoleão III, que era o patrono deste imperador exportado para o outro lado do Atlântico?

Sim. Foram consideradas diversas possibilidades envolvendo vários príncipes católicos. Foi Maximiliano de Habsburgo quem, juntamente com a sua esposa Carlota, aceitou o cargo de Imperador do México. Mas a potência europeia que apoiou o império de Maximiliano foi, como bem disse, a França.

A queda de Maximiliano tem que ver com o fim do apoio militar francês?

Esta história que se desenrola no México explica-se, a meu ver, sobretudo por fatores que ocorreram fora do México. En-



MAXIMILIANO IMPERADOR
Entre Viena, Lisboa e o México:
uma vida extraordinária

Carlos Tello Díaz

Parsifal
160 páginas

tre outros, o início da Guerra Civil Americana permitiu à França intervir militarmente no México, na fronteira com os Estados Unidos, contrariando os princípios da Doutrina Monroe, que deixava claro que os Estados Unidos não aceitariam a intervenção militar europeia nas Américas. Além disso, Napoleão III demonstrava interesse pela América Latina desde a juventude. Queria também estreitar a sua relação com a Áustria, depois de ter apoiado a independência das províncias do norte de Itália, e aproveitou a oportunidade para apoiar Maximiliano de Habsburgo nessa ocasião. O próprio Maximiliano tinha uma relação tensa com o irmão, tinha perdido o Reino da Lombardia e o Veneto, e já tinha uma relação muito difícil com a

sua mulher, Carlota. Estava aborrecido no Castelo de Miramar, nos arredores de Trieste. Era ambicioso, romântico, entusiasta pelos países tropicais, e aceitou o convite.

Maximiliano tinha sido convidado pelo Partido Conservador, mas o imperador não era propriamente um conservador; era um homem até com algumas ideias liberais.

Essa foi a grande ironia, e a grande contradição, que explica em parte porque fracassou no México. Devo dizer que mui-